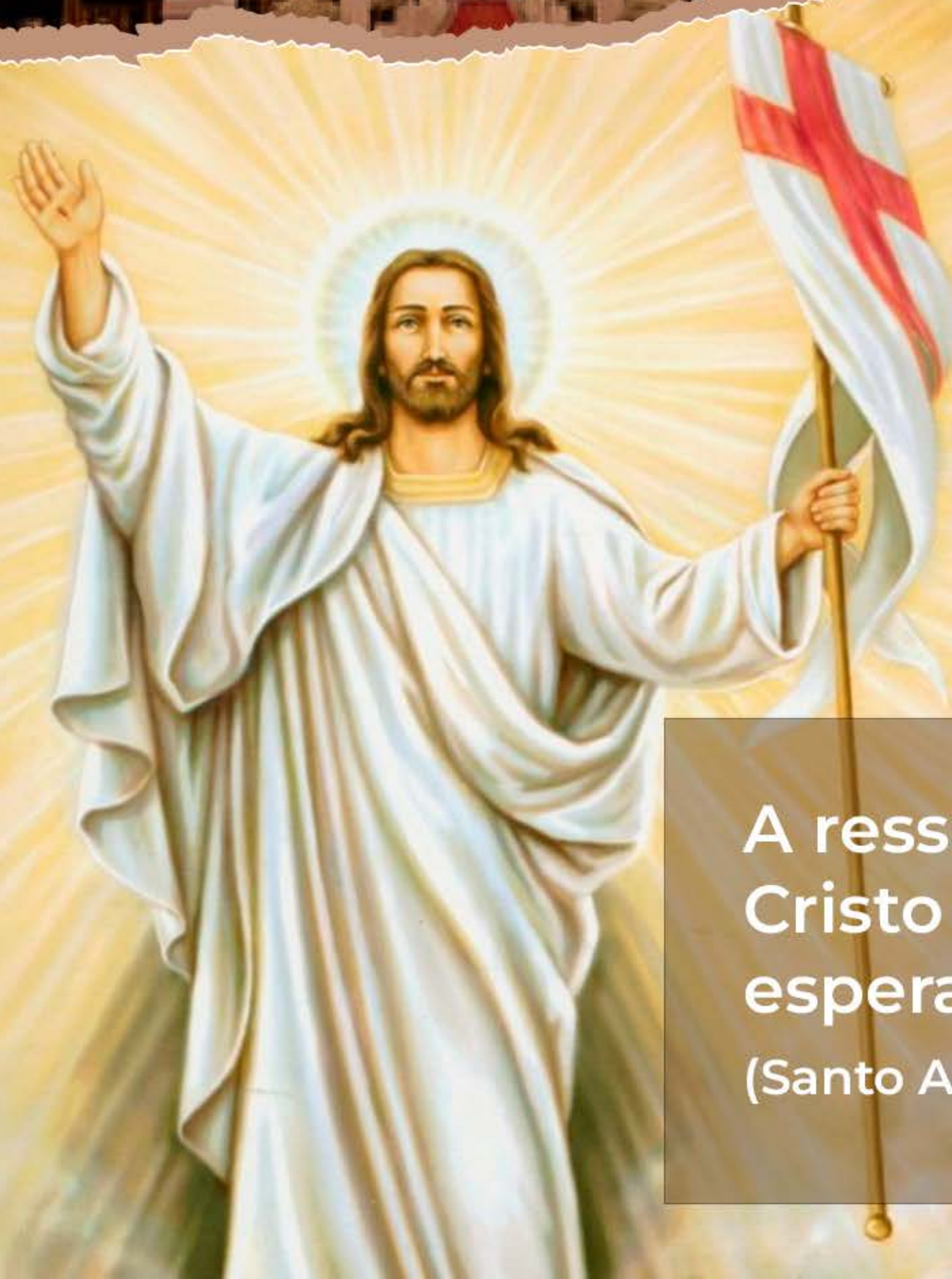




Basilica menor de Santo Antônio Embaré



A ressurreição de
Cristo é a nossa
esperança
(Santo Agostinho).



Domingo de Ramos abre Semana Santa



Abrindo a Semana Santa, o Dia de Ramos é uma festa cristã celebrada no domingo que antecede a Páscoa. Nesta data comemora-se a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, um evento mencionado nos quatro evangelhos canônicos (Marcos 11:1-10, Mateus 21:1-11, Lucas 19:28-44 e João 12:12-19). Jesus, humildemente montado em um jumentinho, é aclamado pelo povo que agita ramos de palmeira ou oliveira.

O Domingo de Ramos, que recorda os últimos dias de Jesus antes de ser crucificado, será celebrado este ano no dia 13 de abril. A liturgia desta festa cristã possui duas partes centrais: A primeira é a comemoração da entrada do Senhor em Jerusalém que se dá pela bênção e procissão dos ramos. A segunda é a Santa Missa, propriamente dita, com sua liturgia voltada para o mistério da Paixão do Senhor. Os ramos agitados apontam a chegada de Jesus em Jerusalém, lugar onde irá cumprir

sua missão na entrega de si mesmo por obediência ao plano salvador do Pai. Os fiéis, por sua vez, demonstram o reconhecimento de Jesus como Messias enviado do Pai, exatamente como fez o povo em Jerusalém.

Também conhecido como Domingo da Paixão, o Domingo de Ramos representa o grande portal pelo qual entramos na Semana Santa, tempo em que contemplamos os últimos momentos da vida de Jesus. A Igreja recorda que o mesmo Cristo, que foi aclamado como rei pela multidão no domingo, é crucificado na sexta-feira seguinte sob o pedido da mesma multidão. Assim, o Domingo de Ramos é um resumo dos acontecimentos da Semana Santa.

SIMBOLISMO

O simbolismo do jumento utilizado por Cristo pode ser explicado pela tradição oriental de que este é um animal da paz, ao contrário do cavalo, que seria um animal de guerra. Segundo esta tradição, um rei chegava montado em um cavalo quando queria a guerra e em um jumento quando procurava a paz. Portanto, a chegada de Jesus em Jerusalém, montado em um jumentinho, simbolizaria sua entrada como um “príncipe da paz” e não um rei guerreiro.

TRADIÇÃO

Na Igreja, os fiéis recebem ramos abençoados de palmeiras, ou de outras árvores disponíveis. Esses ramos utilizados na cerimônia do Domingo de Ramos, posteriormente, quando secos, são queimados, representando a morte e o fim de um ciclo. As cinzas resultantes simbolizam a humildade, a penitência, o reconhecimento da fragilidade humana e são usadas na missa de Quarta-feira de Cinzas do ano seguinte.

SACRAMENTAL

Os ramos abençoados e distribuídos aos fiéis na cerimônia de Domingo de Ramos são um sacramental, um objeto de devoção e sinal de fé. Portanto devem ser colocados em local de destaque da casa, junto a uma cruz, ou principalmente no local de oração. Quando os ramos secam, podem ser queimados e jogados na terra ou simplesmente enterrados. A tradição de devolver os objetos

Fonte de pesquisa: Wikipédia, Vatican News, CNBB, Santuário Perpétuo Socorro e Biblioteca Católica

Jesus institui a eucaristia na Última Ceia



A Igreja lembrará Quinta-feira Santa, dia 17 de abril, com a celebração da Última Ceia do Senhor, a instituição da Eucaristia, a qual une o povo de Deus em torno desse sacramento. A missa dessa noite abre o Tríduo Pascal que segue até o Domingo de Páscoa.

Jesus, na véspera de sua Paixão, celebra a Última Ceia com seus discípulos. Consagra sua vida e antecipa profeticamente sua morte e ressurreição. Ao lavar os pés dos apóstolos, dá-nos exemplo de humildade, o mandamento do amor. Pede que, em sua memória, façamos o mesmo que Ele fez. Cada Eucaristia, portanto, é a atualização deste mistério.

Jesus, à mesa com os apóstolos, toma o pão (símbolo de tudo o que Deus nos dá gratuitamente e de tudo o que nós precisamos para viver), eleva ao Pai um hino de ação de graças, parte o pão e o reparte entre todos dizendo: “Isto é o meu corpo que será entregue por vós”. A passagem nos ensina que pão partilhado é pão abençoado e que pão acumulado é pão amaldiçoado. Vida doada por amor é vida abençoada.

Vida consumida pelo egoísmo é vida desperdiçada.

Posteriormente, Cristo toma em suas mãos o cálice com vinho, mais uma vez eleva ao Pai um hino de ação de graças dizendo: “Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos para o perdão dos pecados”. Ele mostra-nos que sangue é vida que brota do coração e leva a vida para todo o corpo. Nós somos membros do corpo de Cristo. Portanto, se vivemos intimamente unidos a Ele, dele receberemos a vida. Separados dele, somos como um galho separado do tronco de uma árvore.

Durante a ceia, o gesto de Jesus ao lavar os pés dos discípulos é uma forma de explicar o sentido profundo da Eucaristia. Pois a palavra Eucaristia significa “Ação de Graças”. E a melhor forma de sermos agradecidos a Deus é, como Jesus, colocarmo-nos humildemente a serviço uns dos outros, sobretudo dos pobres, enfermos, marginalizados, roubados de sua dignidade de filhos e filhas de Deus. O maior no reino de Deus é aquele que sofre. Jesus conclui a instituição da Eucaristia e o gesto do lava-pés com

duas ordens: “Façam isto em memória de mim” e “Fazei o mesmo que eu fiz”. Obedecendo a estas ordens, com Cristo morreremos para o pecado e com Cristo ressuscitaremos para uma vida nova.

Histórico

Conforme os Evangelhos, a Última Ceia é a última refeição que Jesus divide com seus apóstolos, no Cenáculo em Jerusalém (Israel), antes de sua crucificação. Essa passagem é relatada pelos quatro evangelhos canônicos: Mateus 26:17-30, Marcos 14:12-26, Lucas 22:7-39 e João 17:26. Além disso, ela aparece também em Coríntios 11:23-26.

Essa refeição acontece após a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e, na ocasião, Ele prevê sua traição por um dos discípulos ali presente e antecipa que, antes do amanhecer do dia seguinte, o apóstolo Pedro negaria conhecê-lo.

Com a ceia da Nova Aliança, Jesus confia a seus apóstolos, e a nós, o testamento espiritual mais importante de sua vida: sua morte pela redenção da humanidade, sua incessante e eficaz presença entre nós, estímulo para a fraternidade, ousadia para denunciar injustiças e incentivo para evangelizar o mundo.

Fonte de pesquisa: Capuchinhos, Wikipédia e Província Agostiniana

Paixão de Cristo e Vigília Pascal



O Sábado Santo, também chamado de Vigília Pascal, será celebrado no próximo 19 de abril. Na Igreja e na Liturgia Católica, antes de todas as grandes solenidades, há uma celebração de véspera ou vigília. A Vigília Pascal é a véspera do Domingo de Páscoa, o Domingo da Ressurreição de Jesus.

A Vigília faz parte também do Tríduo Pascal, período em que vivemos com profundidade os passos de Jesus rumo ao Calvário, ao Sepulcro e à Ressurreição. Este Tríduo começa com a Quinta-feira Santa, pela conhecida Missa do Lava-pés, por meio da qual Jesus instituiu a Eucaristia e o Sacerdócio, com uma recomendação: “Fazei isso em minha memória” (Lc 22,19). A Eucaristia e o Sacerdócio nascem do coração de Jesus, em torno de uma mesa, para que se fosse cumprida uma promessa do Senhor: “Eis que estarei convosco, todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20).

Tanto pela Eucaristia, como pelo Sacerdócio, o Senhor continua no meio de nós!

Os mistérios dolorosos de nosso terço mariano explicam cada detalhe dessa passagem de sofrimento de Jesus que antecede sua Ressurreição. Assim observamos: A agonia de Jesus no Getsêmani (momento de grande angústia e oração que Jesus vive antes de ser traído e preso), flagelação, coroação de espinhos, subida ao calvário e sua morte.

Já na Sexta-feira Santa, até a natureza silencia-se. Que momento cruel e triste. Jesus morre na Cruz, rezando: “Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Ali Jesus entrega toda a Sua história e missão. Jesus entrega a Igreja e toda a humanidade; nos entrega ao Pai. Com essa entrega, Ele coloca em prática o Seu ensinamento: “Ninguém tem maior amor do que Aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Prova de amor maior não há que doar a vida pelos irmãos.

Páscoa do Senhor



Páscoa (do hebraico Pessach) significa passagem. Originalmente designava o feriado judaico que comemorava a passagem de Deus no Egito, como narrado no livro do Êxodo. Deus passa entre o povo e os liberta dos egípcios. Após a passagem, as pessoas atravessam o Mar Vermelho, do cativo para a liberdade.

Para nós cristãos, trata-se da festa mais importante, é o centro do Ano Litúrgico e de toda a vida da Igreja. Deus estabeleceu a morte de seu Filho no dia da Páscoa judaica para designar uma relação entre a antiga aliança, no sangue do cordeiro imolado, e a nova aliança, no sangue do próprio Jesus Cristo.

O tempo pascal compreende 50 dias entre o Domingo da Ressurreição até o Domingo de Pentecostes. A Páscoa é comemorada no primeiro domingo após a primeira lua cheia, no período de 21 de março a 25 de abril, que ocorre no início do outono, no Hemisfério Sul. Este ano, a Páscoa será festejada dia 20 de abril.

Nós cristãos celebramos a Ressurreição de Jesus Cristo, Sua vitória sobre a morte. É a redenção humana, a glorificação de Deus que Cristo realizou quando, morrendo, destruiu a morte, e, ressuscitando, renovou a nossa vida.

Viver a Páscoa do Senhor é acolher a vida verdadeira, é acolher Jesus Cristo, que nada, nem a morte, pode destruir. Como cristãos, somos testemunhas e festejamos os mistérios de Cristo. Devemos então nos deixar iluminar pela Palavra de Deus, Palavra da Salvação, que sustenta e dá sentido à nossa vida.



Fonte: Canção Nova, A12



A Dolorosa Cruz de Maria

“Uma Espada Traspassará a Tua Alma”! (Lc 2,33-35)

“Eis que esse doce amor se me tornou carrasco e me infliges golpes que me chegam aos ossos!

Que heranças, que legítimas riquezas,

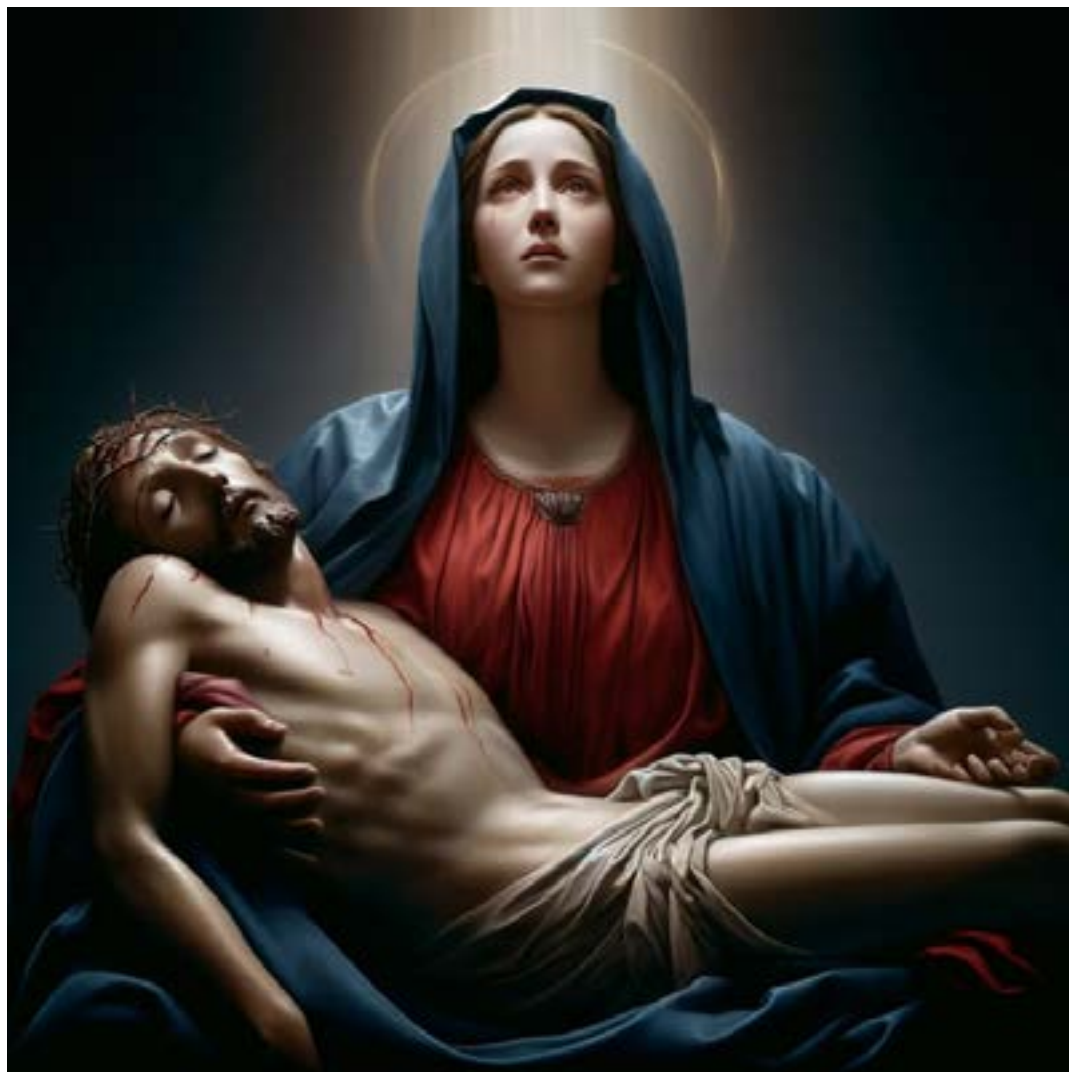
Filho, ao morrer, deixas à tua Mãe paupérrima?

Ai de mim! Palmas traspassadas, pés endurecidos, fronte e peito esfarrapados me darão suas riquezas. Uns açoites e uns cravos, um carvalho nodoso, uma lança e uma coroa ensanguentada, eis toda a minha herança!

De tudo isto eu hei de me apossar como espólio meu legal, pobre herdeira que sou de teus haveres. Com tais adornos caminharei altiva, por rica me haverei, e sempre guardarei estes despojos no escrínio de meu peito.

Primeiro a morte com a feroz espada, do peito há de arrancar a minha alma, do que estes meus tesouros, a minha luz está imersa em densas trevas e a vida me tombou ceifada pela Cruz”.

(Santo José de Anchieta)



Na apresentação de Jesus, no templo, Nossa Senhora escutou de Simeão, um homem piedoso, que “uma espada traspassará a tua alma!” (Lc 2, 33-35).

Sem compreender, Maria guardava em seu coração, ponderava o que não entendia. O que significaria? Sabemos que, no sentido bíblico, a espada tem vários significados: segundo a Carta aos Hebreus, “a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12); mas, também, pode ser um instrumento de violência, como Pedro que feriu a orelha de Malco e foi advertido por Jesus (Jo 18,10-11).

A tradição cristã entende que “a espada de dor” profetizada pelo velho e sábio Simeão, sintetiza todas as dores de Nossa Senhora.

Maria sentia as dores de Seu Filho e as dores da humanidade: as dores e o sofrimento fazem parte da vida e Maria viveu perfeitamente os que a vida lhe ofereceu e que, por isso, nos serve de exemplo para vivermos os nossos.

Em Maria, a espada representa as dores profundas dos que sofrem: a dor da fuga para o Egito é a dor que sentem tantos imigrantes que deixam seu país, sua gente e migram para terras estrangeiras em busca de melhores condições de vida; a dor da

perda de Jesus no Templo é a mesma dor que dilacera o coração de tantos pais e mães que perdem seus filhos para as drogas que assolam os tempos em que vivemos; a dor ao pé da cruz, a mesma dor dos que têm suas vidas ceifadas pela injustiça, preconceitos e desigualdade social; a dor de segurar seu filho morto nos braços é a mesma dor que tantas mães e pais sentem ao receber seu filho, sem vida, assassinado pela violência das ruas das grandes cidades atuais.

As dores de Nossa Senhora

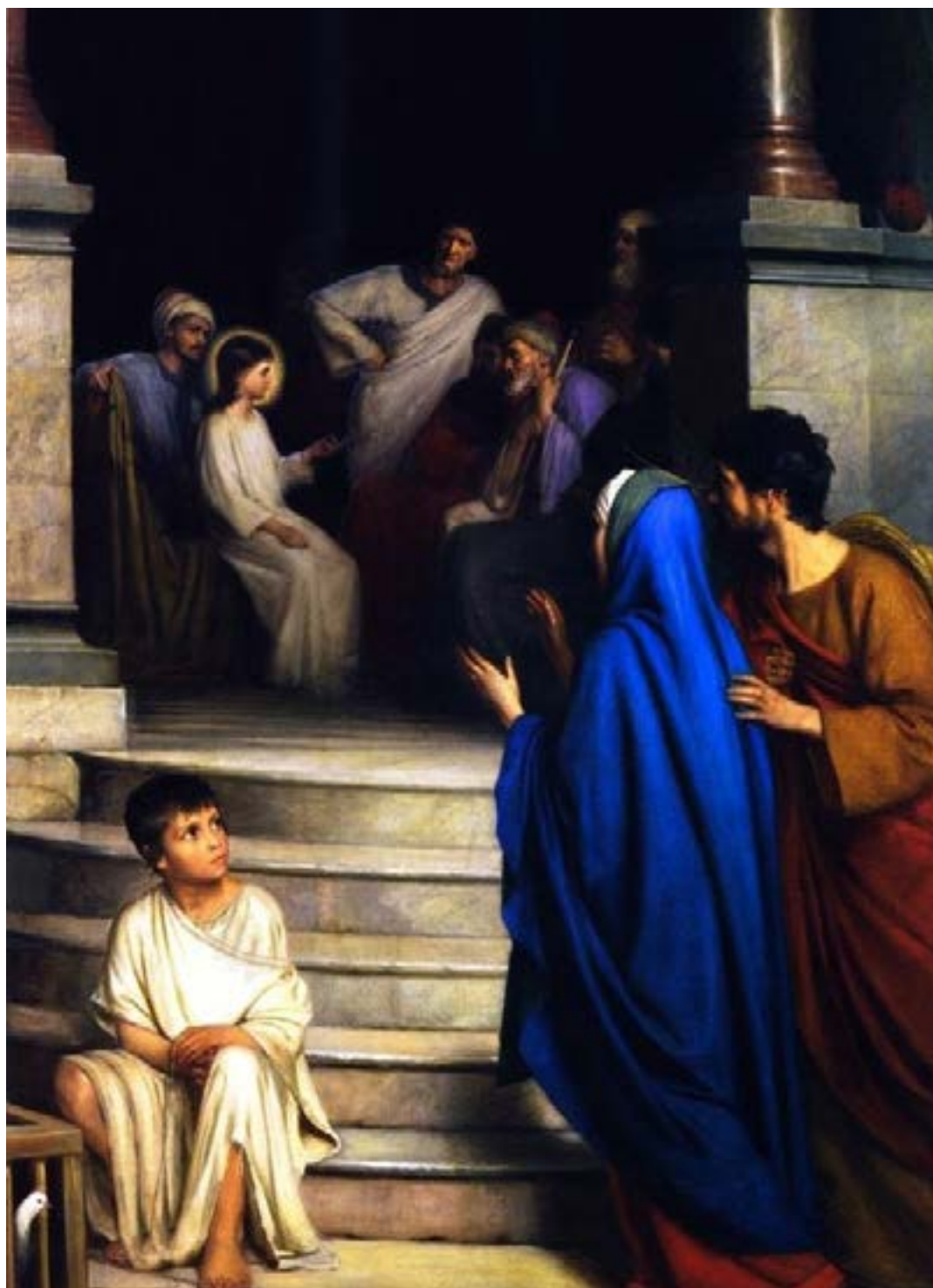


Encontramos, na Palavra de Deus, sete dores de Nossa Senhora: a profecia de Simeão sobre Jesus (Lc 2,34-35); a fuga da Sagrada Família para o Egito (Mt 2,13-21); o desaparecimento do Menino Jesus no Templo (Lc 2,41-51); o encontro de Maria e Jesus a caminho do Calvário (Lc 23,27-31); Maria contemplando o sofrimento e morte de Jesus na Cruz (Jo 19,25-27); Maria recebe o corpo de Jesus, tirado da cruz sem vida (Mt 27,55-61) e Maria, observa o corpo do filho a ser depositado no Santo Sepulcro (Lc 23,55-56).

No exemplo de Maria

Estando diante da cruz, mesmo com a alma traspassada pela espada, Maria “permaneceu de pé” (Jo 19,25) e ali viveu sua dor mais cruel. O que a fez ainda permanecer de pé? Porque andou sempre no mesmo caminho que Jesus. Primeiro, como mãe educadora. Quando Jesus começou a sua missão, Maria não ficou em casa, mas, como discípula, participava da nova família de Jesus, daqueles “que escutavam sua palavra e a colocavam em prática” (Lc 8,21).

Uma característica de ser discípulo de Jesus é o compromisso de vida de “permanecer no meu amor” (Jo 15,9), mesmo enfrentan-



do crises. E, devemos renovar constantemente, o permanecer, em qualquer situação de nossas vidas: “Quem pretender permanecer nele, deve também percorrer o caminho que Jesus andou” (1Jo 2,6).

E, Maria permaneceu em silêncio profundo. Basta a sua presença. Maria, as mulheres e o discípulo amado são os únicos que perseveraram nessa situação difícil.

Permanecem com Jesus e em Jesus, entre insultos e humilhações dos algozes e opositores.

Maria, nos passos de Jesus até a Cruz, nos ensina a perseverar na fé, ainda que haja dificuldades, dores e sofrimentos.

Ref.: 1) Poema da Virgem Maria. Santo José de Anchieta, Edições Paulinas, 3ª Edição, 1958

Sequência de Nossa Senhora das Dores;

Site: <https://comshalom.org/quanto-a-ti-uma-espada-te-traspassará-a-alma/>



Os Símbolos Místicos da Semana Santa e da Páscoa

Celebramos os dias da Semana Santa e da Páscoa, com reverência, a fim de reavivarmos os passos de Cristo, revelando o grande mistério de Deus ressuscitado e renovando, assim, a nossa fé.

Vários símbolos marcam esse período, alguns adentram os rituais enriquecendo-os, envolvendo o povo de forma mais intensa e participativa.

Ramos de Palmeira



Lembram a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. O povo cobria as estradas com folhas de palmeira, para comemorar sua chegada. Hoje, normalmente, após a leitura do Evangelho que reporta àquele dia e a bênção dos ramos, na frente da Igreja, faz-se uma procissão para adentrá-la, com o povo antecedendo os ministros celebrantes e todos aclamam com ramos e cantos.

Os Óleos Sagrados

Na quinta-feira Santa celebra-se a Missa dos Óleos Sagrados para os Sacramentos. Nessa celebração, que reúne o bispo e seus presbíteros, são preparados os óleos para os Sacramentos da Iniciação Cristã, a saber, os óleos dos catecúmenos e do Santo Crisma. Também é abençoado o óleo dos enfermos.





O Lava-Pés

Um ritual litúrgico realizado durante a celebração em que recordamos a Última Ceia, na quinta-feira santa. Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, nos mostra a humildade que devemos ter ao servir aos irmãos que necessitam de uma Palavra, de um carinho, assim como Ele demonstrou aos seus Apóstolos.

Pão e Vinho

Iniciando o Tríduo Pascal, na quinta-feira santa, a Igreja faz memória da Última Ceia, quando Jesus, na noite em que foi traído, oferece ao Pai seu Corpo e Sangue e os entrega aos apóstolos sob as espécies do Pão e do Vinho, para que os tomassem e oferecessem aos seus a ressurreição de Jesus.



A Cruz

A Cruz reaviva a nossa compaixão: um Deus humano, impotente e humilhado que sofre por nós a dor, a angústia e a morte. Um Deus que, encarnado no nosso sofrimento, nos ama incondicionalmente. Um Deus que está em todos os Calvários do mundo. Um Deus que encontramos quando nos aproximamos do sofrimento do próximo que está ante os nossos olhos.

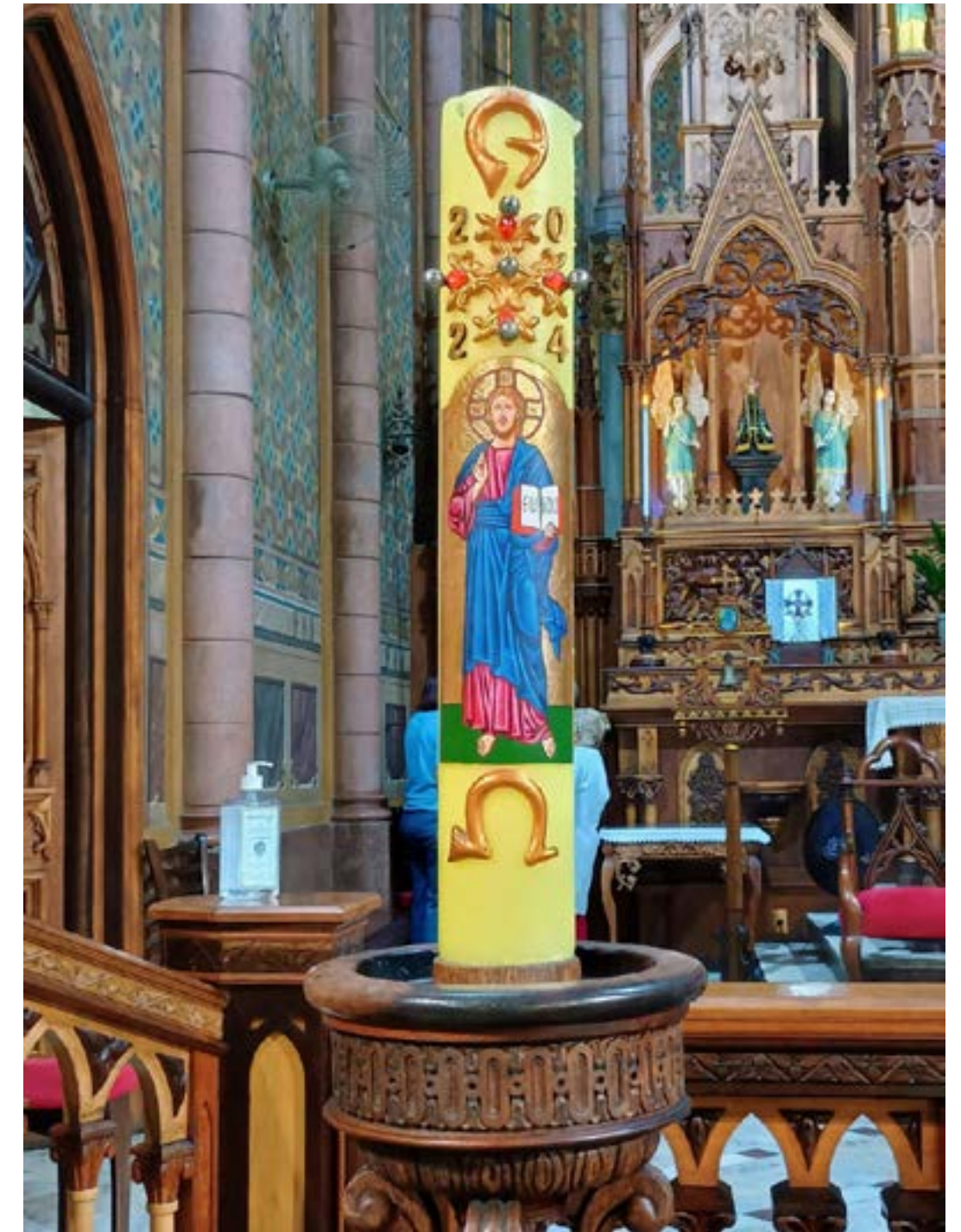
Água

A bênção da água, que lembra o Batismo, se faz mergulhando o Círio Pascal na água e suplica-se a presença do Espírito Santo. Este símbolo se une à renovação das promessas batismais de toda a comunidade e o batismo de novos cristãos, se houver.

O Círio Pascal

Simboliza a presença do Cristo-luz e é, desde os primeiros séculos, um dos símbolos mais expressivos da Vigília Pascal. Possui uma inscrição em forma de cruz acompanhada da data do ano e das letras Alfa e Ômega, a primeira e a última do alfabeto grego, para indicar que a Páscoa do Senhor Jesus, princípio e fim do tempo e da eternidade, alcança-nos com força sempre nova. Em sua cera, tem incrustado cinco cravos de incenso simbolizando as cinco chagas santas do Senhor da Cruz. Na procissão da entrada da Vigília, canta-se, por três vezes, a aclamação ao Cristo – “Luz de Cristo. Demos graças a Deus” - enquanto vão se acendendo as velas dos presentes. Isto significa que é na Luz de Cristo que cada cristão acende a luz no seu interior para iluminar a sua vida.

Durante as sete semanas do tempo pascal até a tarde do domingo de Pentecostes, o Círio Pascal ficará aceso em todas as celebrações.



O Cordeiro Pascal

O Cordeiro é um dos símbolos mais antigos da Páscoa, lembrando a aliança entre Deus e o povo Judeu. Na época, a Páscoa era celebrada com o sacrifício de um cordeiro. Jesus Cristo é chamado por João Batista de “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Ao chamá-lo como o “Cordeiro de Deus”, João reconhece em Jesus o cumprimento de todas as profecias e sacrifícios do Antigo Testamento. Jesus é o cordeiro pascal definitivo, que se oferece em sacrifício para redimir a humanidade do pecado. No Livro do Apocalipse também encontramos referências ao Cordeiro (A p.5, 6-14) o qual é digno de abrir o livro selado e que está no centro da adoração celestial. Este livro mostra que o Cordeiro é glorificado porque carrega os sinais de seu sacrifício, pelos nossos pecados.

O Coelho e os Ovos

Símbolos populares aproveitados pelo comércio. O primeiro simboliza originalmente a fecundidade da Igreja e o segundo, Jesus saindo do túmulo.

Que estas reflexões abram os nossos corações a fim de que a força de Jesus ressuscitado adentre em nós para que sejamos anunciadores de sua Ressurreição, como nos diz Paulo: “Se Cristo não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé” (1 Cor 15,14).

*Ref.: Livro: Vocabulário de Teologia Bíblica – Direção de Xavier L[eon -Dufour, Sj
Colaboração Internacional de 70 Exegetas de Língua Francesa – Tradção de Fr. Simão Voigt – Editora Vozes – 8ª Edição – 2005
Site: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/simbolosdapascoa>*



Indígenas e o Cristianismo Católico



O Brasil comemora o Dia do Índio em 19 de abril. O mundo faz a sua homenagem no dia 9 de agosto, data em que a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu, em 1994, o Dia Internacional dos Povos Indígenas. Um dia dedicado a homenagear e reconhecer as tradições desses povos e promover a conscientização sobre a inclusão deles na sociedade, alertando ainda sobre direitos e reafirmando as garantias previstas na declaração da organização sobre os Direitos dos Povos Indígenas. O 9 de agosto foi escolhido para coincidir com a data da primeira reunião do Grupo de Trabalho da ONU sobre Populações Indígenas, a qual aconteceu em Genebra, em 1982.

Já a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), preocupada com a extinção dos idiomas nativos, declarou o Ano Internacional das Línguas Indígenas em 2019, com o objetivo de que cada pessoa tenha o direito de utilizar sua língua para se comunicar.

No Brasil, a data foi instituída em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas e, em 2022, a Lei 14.402 alterou o nome Dia do Índio para Dia dos Povos Indígenas.

Em janeiro de 2018, o Papa Francisco ressaltou que as ameaças sofridas pelos povos indígenas são nossa responsabilidade e não podemos ficar indiferentes à dor desses irmãos, povos originários.

Brasil



A vinda dos jesuítas para o Brasil é polêmica e controversa. A catequização é analisada como imposta ao povo nativo sem respeitar seus costumes e crenças ligadas à natureza num país tribal.

Sabemos que os invasores tidos como descobridores devastaram a orla, venderam pau-Brasil e a devastação foi empurrando os nativos da orla marítima para o interior do país. No entanto, a catequização jesuítica não foi só imposta e punitiva, como analisam modernos historiadores.

Ao chegarem ao Brasil perceberam o “bom selvagem” no entusiasmo que os indígenas tinham em relação aos cânticos dos missionários. Uma das motivações utilizadas foi a música para a aproximação com os nativos e como via para a evangelização.

Os missionários, por sua vez, se espantaram com as manifestações de cunho profano na dança, na música e no canto indígena. Eram lascivos e até diabólicos. Foram os inacianos (termo referente a Santo Inácio de Loyola e à Companhia de Jesus por ele fundada) que iniciaram os ensinamentos aos curumins de orações e músicas europeias para combater as manifestações culturais nativas.

Instrumentos dos índios, feitos em madeira e ossos, tinham sons tenebrosos e até funestos, foi imposto aos nativos o ensino e a construção de instrumentos já utilizados na Europa (flautas, charamelas, oboés, rabecas, órgãos, cravos) que facilitariam aos missionários civilizar os ameríndios nos moldes cristãos europeus. Eram constantes as apresentações de coros com os curumins e danças indígenas nas missas. Todo esse sincretismo colaborou com a alfabetização. A língua portuguesa foi enfraquecendo o idioma nativo e, com isso, identidades tribais foram se perdendo. Com o passar dos anos, a devastação aumentou, com os indígenas perdendo ainda mais territórios para fazendeiros.

A compressão do texto-base da Campanha da Fraternidade, iluminada pelos conceitos e temas que o Papa Francisco desenvolveu nas encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti* nas exortações *Querida Amazônia* e *Laudata Deum*, foi inspiradora e nos mostrou, através dos gestos do pontífice, seus pronunciamentos e diálogos com os movimentos sociais, a sua capacidade de nos guiar em caminhos alternativos para enfrentarmos os perigos desse tempo.

A Campanha da Fraternidade 2025 apela à conversão ecológica integral e se encontra com a renovação da consciência indígenas numa vivência respeitosa da cultura entre os descendentes nativos que vivem em todo o Brasil.

Fonte: música.brasilis.org.br, A12, Canção Nova



Abril Azul

Queridos irmãos e irmãs,

Neste mês de abril, nossa paróquia se une a duas importantes campanhas de conscientização: Abril Azul e Abril Verde. Ambas têm como objetivo alertar a sociedade sobre questões de saúde e bem-estar que afetam milhões de pessoas em nosso país e no mundo. Vamos conhecer mais sobre essas campanhas e como elas se conectam com os ensinamentos da nossa fé cristã.

Abril Azul: Conscientização sobre o Autismo



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica caracterizada por dificuldades na interação social, padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos. O espectro é amplo, e cada pessoa pode apresentar características únicas. Algumas podem ter desafios na comunicação verbal, enquanto outras podem ter habilidades excepcionais em áreas como matemática, música ou memorização.

Estima-se que 1 em cada 36 crianças seja diagnosticada com TEA, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). Esse dado reforça a necessidade de compreensão e acolhimento, pois muitas famílias enfrentam desafios no diagnóstico e na busca por tratamentos eficazes.

O diagnóstico do autismo é clínico e pode ser feito a partir da observação de comportamentos desde os primeiros anos de vida. Sinais como dificuldade em manter contato visual, atraso na fala e comportamentos repetitivos podem ser indicativos.

No entanto, o diagnóstico preciso depende de uma equipe multidisciplinar, composta por pediatras, neurologistas, psicólogos e fonoaudiólogos.

O tratamento do TEA envolve uma abordagem individualizada, incluindo terapias comportamentais, fonoaudiologia, terapia ocupacional e, em alguns casos, suporte medicamentoso. A intervenção precoce é fundamental para melhorar a qualidade de vida da pessoa autista, auxiliando na comunicação, na autonomia e na socialização.

Santo Antônio de Pádua e São João Bosco são exemplos de santos que, com sua vida e dedicação, promoveram a inclusão e a educação. São João Bosco, por exemplo, fundou o sistema preventivo, que valoriza o acolhimento e o amor, características essenciais para a convivência com qualquer pessoa, especialmente aquelas com necessidades especiais.

Cada pessoa, seja com autismo ou qualquer outra condição, é única e amada por Deus. Somos todos criados à Sua imagem e se-

melhança, e é nossa missão respeitar e apoiar uns aos outros, buscando a verdadeira inclusão. Portanto, que possamos nos comprometer a aprender mais sobre o autismo, apoiar as famílias e criar espaços mais acessíveis, onde todos possam se sentir bem-vindos e amados.

Abril Verde: Conscientização sobre Segurança e Saúde no Trabalho



O Abril Verde é uma campanha dedicada à segurança e saúde no trabalho, com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre a importância de ambientes de trabalho seguros e saudáveis. Esta data é um momento para refletirmos sobre a prevenção de acidentes e doenças ocupacionais, que afetam milhões de trabalhadores em todo o mundo.

O que é a Segurança e Saúde no Trabalho?

Segurança no trabalho envolve a adoção de medidas e práticas que visam proteger os trabalhadores de acidentes e riscos que possam ocorrer durante a execução de suas atividades. Já a saúde no trabalho está relacionada ao cuidado com o bem-estar físico e mental dos trabalhadores, prevenindo doenças decorrentes do ambiente ou das condições de trabalho.

No Brasil, as normas de segurança do trabalho são regulamentadas pela NRs (Normas Regulamentadoras), que visam garantir que as condições de trabalho sejam adequadas, prevenindo acidentes e promovendo a saúde física e mental dos trabalhadores. O objetivo é criar ambientes de trabalho que proporcionem qualidade de vida e bem-estar para todos.

De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), milhões de trabalhadores são afetados por acidentes de trabalho e doenças ocupacionais anualmente. Muitos desses problemas poderiam ser evitados com medidas simples, como o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), treinamentos adequados, e o cuidado com a ergonomia. São José Operário, padroeiro dos trabalhadores, nos ensina a importância do trabalho honesto e da dedicação nas atividades diárias. Ele, com seu exemplo de humildade e zelo, mostrou que o trabalho digno é um meio de santificação.

Que possamos, assim, seguir o exemplo de São José, buscando fazer nosso trabalho com consciência, respeito e compromisso com a vida e segurança de todos.

Devemos nos lembrar também da importância de realizar todas as nossas tarefas com responsabilidade e cuidado, como se estivessemos fazendo para Deus. Cuidar da segurança e saúde no trabalho é uma maneira de honrar a Deus e respeitar a vida humana.

Como podemos contribuir para um ambiente de trabalho mais seguro e saudável?

- Utilizar os equipamentos de proteção individual (EPIs) corretamente;
- Participar de treinamentos e orientações sobre segurança no trabalho;
- Fazer pausas regulares e cuidar da saúde mental e física;
- Denunciar condições de trabalho inadequadas, para que possamos sempre melhorar o ambiente em que trabalhamos.

Neste mês de abril, que possamos, com as bênçãos de Deus, nos conscientizar sobre o autismo e promover uma sociedade mais inclusiva, ao mesmo tempo em que reforçamos a importância da segurança no trabalho para a proteção da vida.

Que sejamos agentes de mudança, acolhendo, respeitando e promovendo a dignidade humana em todas as suas formas.

Que Deus nos abençoe e nos conduza no caminho da proteção, do amor e do cuidado com todos!

Paz e bem.



João Pedro Mathias

Coordenador do Grupo de Jovens Fênix da Basílica Menor de Santo Antônio do Embaré. Acadêmico do 5º Ano de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Santos/SP



A Natureza é um Presente Divino a Ser Preservado (São Francisco de Assis)

*A Javé pertence à terra e tudo o que nela existe,
o mundo e os que nele habitam (Salmo 24, 1)*

O Dia Mundial do Planeta Terra, comemorado no dia 22 de abril, foi instituído para reconhecer a importância do planeta, para refletir sobre aquilo que podemos fazer para preservá-lo e sobre as ações do dia a dia que afetam negativamente a vida.

A data foi criada, em 1970, pelo então senador americano Gaylord Nelson que convocou um grande protesto, nos Estados Unidos, que tinha como pauta a poluição. O evento foi um grande sucesso e contou com cerca de 20 milhões de pessoas preocupadas com os impactos negativos que o ser humano provoca no meio ambiente.

Depois do evento, a data se consolidou e, a partir de 1990, passou a ser comemorada em diferentes países ao redor do mundo. A cada ano aborda-se um tema diferente, sempre relacionado com a preservação e redução de impactos negativos no planeta.



Casa Comum



O Papa Francisco dedicou grande parte de seu pontificado à conscientização sobre a necessidade de agir para cuidar do planeta contra a crise climática e, carinhosamente, chama a terra de casa comum, porque nela estão todas as formas de existência, humanas e não humanas.

Para o Papa, o Dia Mundial da Terra é a oportunidade de redescobrirmos o sentido do respeito sagrado pelo planeta, porque não é apenas a nossa casa, mas também a casa de Deus.

Na encíclica ‘Laudato si’, publicada em 2015, o Santo Padre dedica-se ao cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas. É dirigida a todos que habitam o planeta, como um diálogo contínuo da Igreja Católica com o mundo.

As primeiras palavras da Encíclica são uma citação ao Cântico das Criaturas composto por São Francisco de Assis. No canto, São Francisco louva a Deus refletindo a respeito da bondade do sol, do vento, da terra, da água. Nele todos são tratados como irmãos: irmão sol, irmã lua, irmã terra. A escolha é um lembrete às pessoas que devem louvar e honrar a Deus por meio da sua criação.

Este ano, o Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis, completa 800 anos. Também estamos no Ano Jubilar, com o tema Peregrinos da Esperança, no qual o papa nos pede para renovarmos a fé e a esperança. Se fizermos uma analogia do clamor de São Francisco para respeitarmos a Terra e o tema do Ano Jubilar, podemos concluir que estamos na terra em peregrinação, caminhando em direção à eternidade e precisamos respeitar e amar todas as criaturas de Deus. Porém, a nossa indiferença com a natureza destrói a cada dia o habitat de diversas espécies com a poluição de rios, mares e da terra, causando o efeito estufa, destruindo a camada de ozônio, provocando com isso chuvas e secas intensas.

Na Campanha da Fraternidade de 2025 - “Fraternidade e Ecologia Integral” -, cujo lema é “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31), a CNBB aborda novamente o tema ambiental e nos remete ao Cântico das Criaturas, para que tenhamos consciência e responsabilidade na conservação da nossa Casa Comum e entendamos a presença de Deus na natureza.

**Terra, terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?**

(Caetano Veloso – Terra)

Fonte: Brasil Escola, Wikipedia, Canção Nova, Vatican News, laudatosimovement.org



Primeira Missa do Brasil completa 525 anos



A primeira Santa Missa no Brasil foi celebrada no Domingo de Páscoa, no dia 26 de abril de 1500, simbolizando a chegada do cristianismo ao território. Uma cruz foi fincada num banco de areia em Porto Seguro, no litoral sul da Bahia. Essa cerimônia seria a primeira de tantas que, desde então, foram celebradas neste que se tornou o maior país católico do mundo. Frei Franciscano Henrique de Coimbra (1465-1532), célebre missionário na Índia e na África, presidiu o rito, quatro dias após o descobrimento do Brasil por Portugal.

Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Cabral, em sua tradicional carta enviada ao Rei Dom Manuel, detalhou como foi a Santa Missa e o objetivo claro dos portugueses em evangelizar os nativos da nova terra que foi descoberta:

“Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu [...] E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz

pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.”

Caminha também escreveu que após a celebração aconteceu a pregação da história do Evangelho. A segunda missa foi celebrada



Johann Moritz Rugendas (1802-1858), A Primeira Missa em São Vicente, 1832, 1845-1848
Óleo sobre tela. Acervo: Beatriz Pimenta Camargo. Reprodução fotográfica: Pablo César

em 1º de maio, na foz do rio Mutari, Bahia.

Como não tinha certeza se o que havia descoberto era um continente ou uma grande ilha, Cabral deu o nome de ilha de Vera Cruz. Outras expedições portuguesas verificaram posteriormente que se tratava de um continente, e por isso a nova terra passou a ser chamada de Terra de Santa Cruz e em 1527, passou a ser chamada Brasil, devido à existência de grande quantidade de árvores da espécie Pau Brasil.

Fonte: Canção Nova, Santuário Basílica Sagrada Família, Brasil Escola, A12



Beato Egídio de Assis: Cavaleiro da Simplicidade Evangélica

Na vasta constelação de santos franciscanos, Egídio brilha como uma luz especial, um homem cuja simplicidade e amor radical a Deus o tornaram um dos companheiros mais queridos de São Francisco de Assis. Sua história é um testemunho eloquente de como a graça divina pode transformar uma vida comum em um instrumento extraordinário de amor e serviço.

Inicialmente, Egídio admirava Francisco à distância, sem coragem de se aproximar. Tudo mudou quando soube que seus amigos Bernardo e Pedro haviam se tornado companheiros de Francisco, decididos a viver uma vida de pobreza total. Esse momento se tornou um ponto de virada em sua existência.



Um episódio marcante selou sua entrada para a fraternidade. Saindo de Assis, Francisco e Egídio foram abordados por uma mendiga. Francisco, percebendo que nenhum deles tinha dinheiro, disse a Egídio: “Dá-lhe o teu casaco”. Sem hesitar, Egídio obedeceu imediatamente. Este gesto de desprendimento foi seu teste definitivo, e no dia seguinte recebeu o hábito franciscano.

Sua vida foi caracterizada por uma peregrinação constante. Acompanhou Francisco em viagens de evangelização pela Marca de Ancona, depois partiu em peregrinação a Compostela. Sempre trabalhava durante suas viagens, retribuindo esmolas com serviços pessoais e distribuindo tudo o que recebia. Em Roma, ganhava a vida realizando tarefas simples como carregar água e cortar lenha. Tentou uma missão em Túnis para converter os sarracenos, mas a expedição não obteve sucesso. Os cristãos locais, temendo retaliações, impediram que a missão sequer começasse.

Apesar de sua simplicidade e falta de instrução formal, Egídio era reconhecido por uma sabedoria extraordinária. Pessoas de todas as condições o procuravam para conselhos. Sua profundidade espiritual era tão intensa que frequentemente entrava em estados contemplativos, quase alheio ao mundo material.

Uma anedota curiosa ilustra sua relação com o conhecimento: certa vez, perguntou a São Boaventura se uma pessoa simples poderia amar a Deus tanto quanto um erudito. A resposta do santo – de que uma “boa velhinha analfabeta” pode amar a Deus melhor que um doutor – o deixou tão extasiado que passou três horas em profunda contemplação.

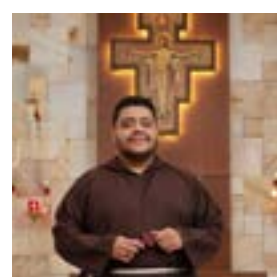
Egídio viveu uma vida de intensa espiritualidade, marcada por provações espirituais. Sofreu terríveis tentações demoníacas, mas as enfrentava como “um bom soldado de Cristo”. Seu amor pelo trabalho era notável: mesmo quando convidado para refeições por um cardeal, só aceitava se pudesse prestar algum serviço em troca. Um momento sublime de sua vida foi quando, em Cetona, teve uma aparição de Jesus Cristo, algo que ele considerava um dos quatro nascimentos de sua vida: seu nascimento físico, seu batismo, sua entrada na ordem franciscana e este momento de revelação divina.

Os “ditos áureos” de Frei Egídio, preservados pela tradição franciscana, revelam uma profunda vida espiritual aliada a uma aguda percepção das realidades divinas. Sua existência era marcada por um silêncio contemplativo tão profundo que, segundo seu discípulo, em 20 anos de convivência, nunca ouviu uma palavra vã de seu mestre. Uma história ilustrativa conta que São Luís de França, em visita secreta à Itália, procurou Egídio em Perugia. Após um abraço emocionado, os dois simplesmente se ajoelharam em oração muda e se separaram sem trocar palavras – um encontro de almas contemplativas.

Celebrar Egídio no dia 23 de abril não é apenas recordar um santo distante, mas deixar-se interpelar por sua radicalidade evangélica. Sua vida nos ensina que a santidade não reside em grandes gestos ou conhecimento intelectual, mas na disponibilidade total ao amor de Deus. Que o exemplo do Beato Egídio nos inspire a ver a vida como uma peregrinação de amor, trabalho e contemplação, onde cada gesto pode ser uma expressão do amor divino. Que sua memória continue a nos provocar a uma conversão contínua e a um amor sem reservas!



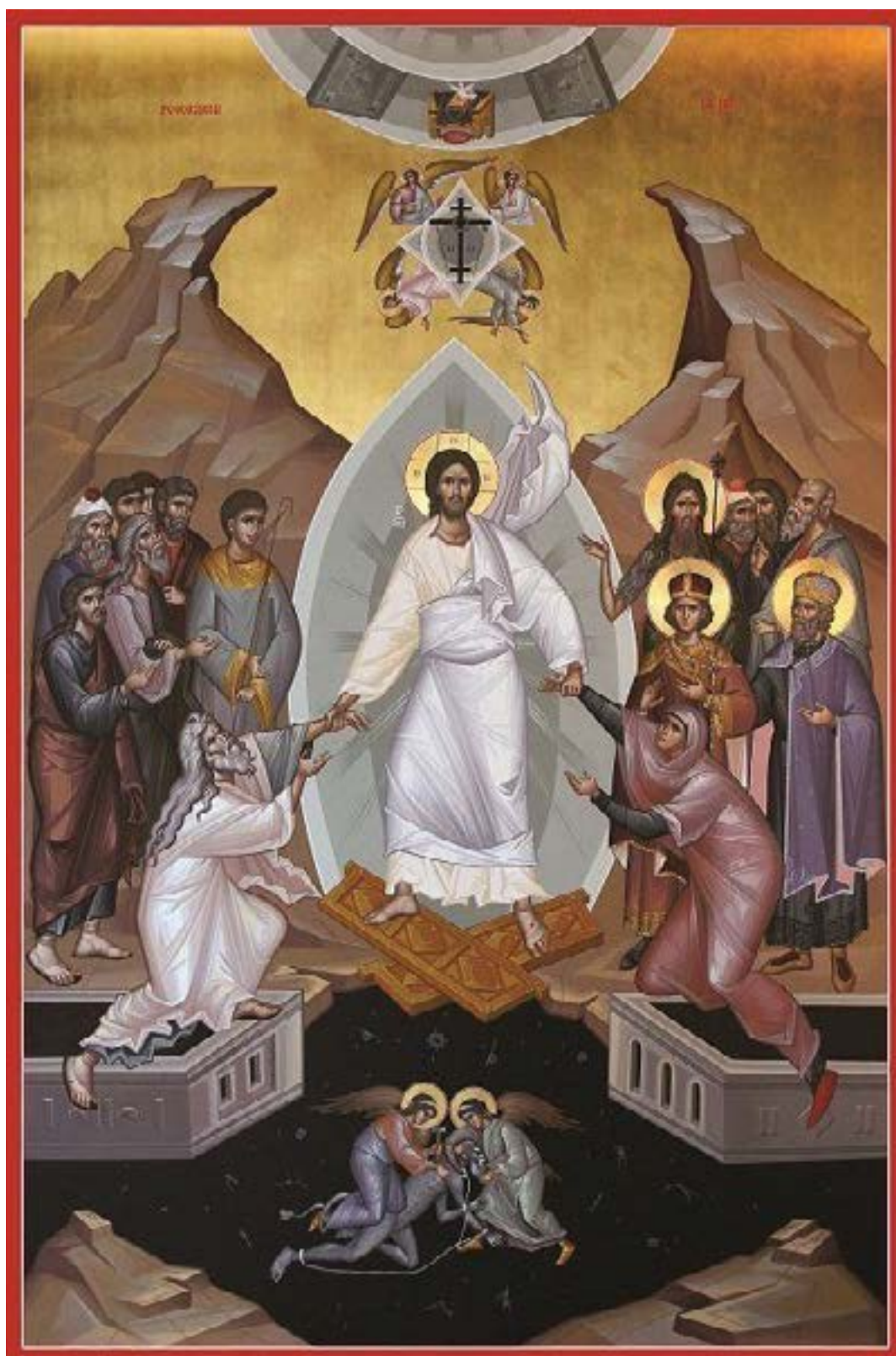
***** As fontes da vida do Beato Egídio são tão numerosas, que é impossível enumerá-las aqui. O elemento principal é uma biografia, escrita, ao que parece, em sua forma primitiva, por Frei Leão, mas conservada em duas recensões distintas, conhecidas como Vida Longa e Vida Breve. Encontra-se uma discussão exaustiva desses e de outros materiais em W. W. Seton, Blesseti Giles ot Assisi (1918), que atribui a prioridade à Vida Breve e publica um texto latino e uma tradução. A Vida Longa foi incorporada na Chronica XXIV Generazium, publicada em Quaracchi em 1897. Vejam-se também I Fioretti de S. Francisco de Assis (numerosas edições), e Léon, “Auréole séraphique” (trad. para o inglês), vol. II, p. 89-101.***



Frei George Matheus Costelletos
OFMCap



Jesus desceu à Morada dos Mortos?



“Morto e sepultado, desceu aos infernos, ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras e subiu aos céus onde está sentado à direita do Pai” (Creio-Profissão de fé).

É sábado...um grande silêncio: a terra silenciou porque o Deus feito homem adormeceu; morreu na carne e despertou na mansão dos mortos.

Na versão antiga da profissão de fé constava que Jesus “desceu aos infernos”, mas foi mudada no Concílio de Calcedônia, no ano 451, que definiu que Jesus havia realmente morrido, não como Deus, mas como ser humano. Na época, o termo Inferno assustava e tinha-se a crença que entrando ali era para toda a eternidade, pois não havia perdão, pelas faltas que tinham cometido na Terra.

No conceito bíblico, tanto os infernos como a morada dos mortos eram identificados pelo termo sheol, que significava o lugar onde os que morrem descem para a cova.

Jesus vai ao encontro de Adão e Eva, cativos, para os libertar dos sofrimentos: “O Senhor entrou onde eles estavam, levando em suas mãos a arma da cruz vitoriosa. Quando Adão o viu, exclamou para todos os demais, batendo no peito e cheio de admiração: ‘O meu Senhor está no meio de nós’. E Cristo respondeu a Adão: ‘E com teu Espírito’. E, tomando-o pela mão, disse: ‘Acorda, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará’. Eu sou o teu Deus, que por tua causa me tornei teu filho; por ti e por aqueles que nasceram de ti, agora digo, e, com todo o

meu poder, ordeno aos que estavam na prisão: ‘Sai!’; e aos jaziam nas trevas: ‘Vinde para a luz’; e aos entorpecidos: Levantai-vos”. (1)

A Igreja primitiva via a “descida entre os mortos” como um exemplo de Redenção, como consta no Parágrafo 635 do Catecismo da Igreja Católica: “Cristo desceu, portanto, no seio da terra, a fim de que ‘os mortos ouçam a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem vivam’ (Jo 5,25)”. Jesus, o Príncipe da Vida, “destruiu pela morte o dominador da morte, isto é, o Diabo, e libertou os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (Hb 2,5). A partir de agora, Cristo ressuscitado “detém a chave da morte e do Hades” (Ap 1,18) e “ao nome de Jesus todo joelho se dobra no Céu, na terra e nos infernos” (Fl 2,10). Em Cristo, “primícias daqueles que dormiram” (cf.1Co 15,20-33), “primogênito dentre os mortos” (cf. Ap 1,5), a Redenção é, para a humanidade condenada por Adão à morte e à separação de Deus, a abertura das portas infernais, o ver a face do Senhor, eternamente.

Mensagem espiritual



Que mensagem podemos extrair neste pequeno trecho contido na Profissão de fé, no “Creio”, símbolo de nossa fé: primeiro, o louvor ao Filho de Deus, por assumir a nossa humanidade, exceto no pecado. Ele desceu à mansão dos mortos como todo ser humano. Teve uma morte injusta, um julgamento manipulado pelos poderosos da época, sofreu a mais cruel forma de morte, reservada aos assassinos, conforme o livro de Deuteronômio (Dt 21,22-23).

Hoje, há muitas injustiças, muito desânimo e descemos ao nosso “inferno interior”. Sem fé, sentimos-nos excluído de toda comunicação e comunhão, até pensamos que Deus se esqueceu de nós.

É preciso descer, com Jesus, em nossa interioridade e deixar que Ele nos integre e expanda nossa vida em novas direções, ressurgindo-nos para uma vida nova.

E ressurgido em plenitude pela experiência de encontro com o Ressuscitado, nossa vida nos move a descer junto à realidade de outro irmão, para sermos também um cooperador Dele na solidariedade, levando-O para quem sofre o desamparo, despertando outras vidas.

Ref.: Vocabulário de Teologia Bíblica. Direção de Xavier Léon-Dufour, SJ. Colaboração Internacional de 70 Exegetas de Língua Francesa. Tradução de Fr. Simão Voigt – Editora Vozes – 8ª Edição – 2005. Catecismo da Igreja Católica.

(1) Parte do Ofício das Leituras do Sábado Santo – Liturgia das Horas Rito Romano – II – Tempo da Quaresma-Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa – Editora Ave Maria, 2000



DÍZIMO:

Por que devemos ser dizimistas?

A Basílica é nossa casa. Aqui acontecem os casamentos, os batizados, a catequese em preparação para a 1ª Comunhão e Crisma e todos os outros sacramentos. Aqui rezamos, agradecemos a Deus, mandamos celebrar missa de ação de graças, pelos doentes, pelos falecidos. Para a participação na Santa Missa dominical e missas festivas temos os folhetos, iluminação, som, flores, velas...

Nós amamos nossa Igreja, nossa casa espiritual e queremos vê-la sempre bem cuidada. Para tanto sejamos Dizimistas, façamos nossa contribuição com alegria e estaremos cumprindo com as três finalidades de Dízimo: Religiosa, Social e Missionária.



Sonia Maria Vicente Geraldini
Agente da Pastoral do Dízimo

Aniversariantes de ABRIL

01- Margarete Nunes Garbini
01 - Valério Ramalho Nobre
02 - Maria Rozely P. Negrão
03 - Veronica de Deus Henriques
04 - Genivaldo Alves de Souza
04 - Marina Rosa de Sena
05 - Cristian Morcelli Correa
06 - Carlos Alfredo Augusto Wolfenberg
06 - Carmen Silvia Pires Martins
06 - Daniele Aparecida Russo
06 - José Carlos da Silva
06 - Maria Lucia H. B. Chagas
08 - Alexandra Samara Gonçalves

08 - Ana Maria Melo Marques
08 - Luciane Nunes e Silva
08 - Luiz Antonio Puccinelli
08 - Maria Regina Mandalitti dos Santos
08 - Nelson Paiva Fernandes
08 - Samuel da Silva Luz
10 - Odenir Faria
11 - Elizabeth Rodrigues Simões
11 - Maria Elisa Marciano da Silva
12 - Valdir Felisberto de Souza
13 - Angela Lourdes Dias Sily
13 - Celia Cruz Cadavid
13 - Maria Do Carmo Vallério

14 - Arnaldo Ferreira
 14 - Fernando Guilherme Martins
 14 - José Carlos Gilson Parish
 15 - Odinice Borges Costa Leal
 16 - Ardovina Colantonio Helcias
 16 - Victoria Pardini
 17 - Cristina Lucia Rebouças Rodrigues dos Santos
 19 - Edna Eriko Fuzinaga Higa
 19 - José Roberto Henriques
 20 - José Araújo de Souza
 20 - Paulo Pereira Vaz
 21 - Antônio Francisco Silvi de Freitas
 21 - Rita de Cássia Fontana
 22 - Kleber Alvarez
 22 - Luiz Carlos Pascoal
 22 - Regina Célia Figueira
 23 - Ana Maria Dias Carvalho Lima

23 - Gilberto Jorge Gouvea Branco
 23 - Maria Helena de Carvalho
 24 - José Augusto Faia Conrado
 24 - Zilda Cosa de Souza
 25 - Alanis Munis
 25 - Cinthia Lopes Da Silva
 26 - Célia Maria F. de Souza
 27 - Juliana Cavada Kunz Ferreira
 27 - Lucimar L. de Lacerda
 28 - Irene de Carvalho
 28 - Priscila Coelho da Silva
 28 - Silvio Roberto Cunha
 29 - José Carmelo Loureiro Ferreira
 29 - Marlene Santiago Nouvel
 30 - Maria Christina Mariucci Tavares
 30 - Rita de Cascia L.S. Feriance

Utilização do Dízimo

DÍZIMO DO MÊS	R\$ 43.522,02
DESPESAS DO MÊS	R\$ 167.441,48
Dízimo Contribuiu Com 26% Das Despesas.	

Ação Social



A paróquia, graças a doações efetuadas pela comunidade, atende 32 famílias que recebem mensalmente uma cesta básica. Além das famílias assistidas, a paróquia também envia alimentos para as Irmãs da Caridade, Toca de Assis, Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Piedade, Casa João XXIII e Pastoral da Esperança, que atende aos irmãos em situação de rua.

Nossa Paróquia agradece a você que através do seu gesto de partilha, nos ajuda a cada mês com nossa obra de caridade.



*Deus seja louvado pela vida de cada um
Frei Paulo Henrique Romêro - Pároco e Reitor*



LITURGIA:

Domingo da Misericórdia

No ano 2000, o Papa João Paulo II instituiu a Festa da Misericórdia para toda a Igreja, decretando a partir de então, que o segundo Domingo da Páscoa passasse a se chamar Domingo da Divina Misericórdia, que neste ano será no dia 27 de abril.

Esta celebração baseia-se nas revelações que a religiosa polonesa Santa Faustina Kowalska recebeu de Jesus sobre sua Divina Misericórdia.

Para que os fiéis vivessem com intensa piedade esta celebração, o Papa João Paulo II estabeleceu que este domingo fosse enriquecido com a Indulgência Plenária”, “para que eles pudessem receber mais amplamente o dom do Espírito Santo e, deste modo, aumentar a caridade e o amor para com Deus e o próximo.

Em 1931, a imagem de Jesus Misericordioso foi revelada a Santa Faustina e o próprio Jesus lhe pediu que a pintasse e explicou-lhe o significado e o que aconteceria aos que acreditassem nela.

Na imagem, Jesus é representado no momento em que aparece no Cenáculo aos discípulos, logo após sua ressurreição, dando-lhes o poder de perdoar ou reter os pecados.

Jesus diz aos discípulos em João 29, 19-31 “Como o Pai me enviou, assim eu estou enviando vocês”.

Jesus faz questão de nos dizer que foi enviado pelo Pai e que Ele nos envia também.

Ao mostrar o lado e as mãos feridas, Ele está nos lembrando que temos uma missão para edificar em nossas vidas.

Ele está lembrando que mesmo nos momentos mais difíceis, nós precisamos carregar nossas cruzes porque temos uma missão para cumprir na nossa vida e na vida das pessoas que nos rodeiam.

Ele quer nos ver felizes e que façamos os outros felizes também.

A misericórdia de Deus acontece diariamente, só precisamos estar atentos para perceber.

O Evangelho deste dia termina com as palavras de Jesus “Felizes os que acreditaram sem ter visto”.

Precisamos estar com os olhos e o coração abertos para perceber a ação de Deus e lembrar todos os dias que a maior misericórdia de Deus é a graça da nossa VIDA, da nossa EXISTÊNCIA.

Na imagem de Jesus Misericordioso, Ele se mostra levantando sua mão direita em sinal de bênção e apontando com sua mão esquerda o peito do qual fluem dois raios: um vermelho e outro branco.

“O raio pálido significa a Água que justifica as almas; o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas (...) Feliz aquele que viver à sua sombra, porque não será atingido pelo braço da justiça de Deus” (Diário, 299).

Os devotos costumam rezar o terço da Divina Misericórdia às 15h (recordando o momento da morte de Jesus).

O terço é rezado da seguinte forma:

Primeiramente, reza-se o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo.

Depois, nas contas do ‘Pai Nosso’, diz: “Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e do mundo inteiro”.

E nas contas da ‘Ave Maria’, reza-se: “Pela Sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro”.

Ao final, deve-se rezar três vezes: “Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro”.

Neste Ano Jubilar somos tocados pela Misericórdia do Pai que nos ama de forma incondicional, e assim, convidados a viver neste mundo repletos de Esperança.

Oração:

Ó Deus de eterna, misericórdia, que reacendeis a fé do vosso povo na renovação da festa pascal, aumentai a graça que nos destes. E fazei que compreendamos melhor o batismo que nos lavou, o espírito que nos deu nova vida e o sangue que nos redimiou. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Referências:

SANTOS, Altirez. Deus nos lê pela sua Palavra: Lectio divina para Quaresma e Páscoa. São Paulo: Paulus, 2022.

10 curiosidades sobre o Domingo da Divina Misericórdia. Disponível em: <<https://comshalom.org/>>. Acesso em: 08 de mar.2025.

Celebramos também

02	QUARTA-FEIRA		S. Francisco de Paula Eremita
04	SEXTA-FEIRA		1ª sexta do mês S. Isidoro, bispo e doutor da Igreja
05	SÁBADO		S. Vicente Ferrer, presbítero
06	DOMINGO		5º Domingo da Quaresma
07	SEGUNDA-FEIRA		S. João Batista de La Salle
11	SEXTA-FEIRA		Santo Estanislau, bispo e mártir
SEMANA SANTA			
13	DOMINGO	9h – Procissão e Missa de Ramos	DOMINGO DE RAMOS DA PAIXÃO DO SENHOR
15	TERÇA-FEIRA	19h30	Celebração do Encontro do Senhor dos Passos e Virgem das Dores.
16	QUARTA-FEIRA	5h30 - Celebração Penitencial	19h30 – Missa seguida de procissão com a imagem do Senhor dos Passos
Tríduo Pascal			
QUINTA-FEIRA SANTA			
17	QUINTA-FEIRA SANTA	19h30	Missa da Ceia do Senhor (Coordenação Geral Liturgia)
PAIXÃO DO SENHOR			
SEXTA-FEIRA SANTA			

18	SEXTA-FEIRA SANTA	15h	Narrativa da Paixão de Cristo ((Coordenação Geral de Liturgia))
18	SEXTA-FEIRA SANTA	18h	Celebração da Via Sacra (Coordenação Pastoral. da Família)
18	SEXTA-FEIRA SANTA	19h	Sermão das 7 palavras
18	SEXTA-FEIRA SANTA		Procissão do Senhor Morto (Coordenação Coroinhas)
19	SÁBADO SANTO	19h30	Vigília Pascal - (Coordenação Geral Liturgia)
20	DOMINGO	09h/11h/18h e 19h30	Missa do Domingo de Páscoa na Basílica (Equipe da Missa das 09h30)
20	DOMINGO	09h	Missa do Domingo de Páscoa no Stella Maris
27	DOMINGO		2º Domingo da Páscoa- Domingo da Misericórdia
28	SEGUNDA-FEIRA		São Pedro Chanel, presbítero e mártir
28	SEGUNDA-FEIRA		São Luis Maria Grignon de Montfort, presbítero
29	TERÇA-FEIRA		Santa Catarina de Sena, virgem e doutora da Igreja
30	QUARTA-FEIRA		São Pio V, papa



Mirian de Caldas Andrade
Coordenadora da Liturgia

EXPEDIENTE

O Informativo da Basílica Menor de Santo Antônio do Embaré é uma publicação mensal sob responsabilidade da Pastoral da Comunicação (PASCOM) da Paróquia Santo Antônio do Embaré, Diocese de Santos-SP.

Pároco: Frei Paulo Henrique Romêro/ Coordenação: Edna Maria de Andrade. Textos: Edna Maria de Andrade, Mtb 16.915, Giselda Braz, Mtb 12.817 e Estela Célia Ricciotti, Mtb 11.908. Colaboração: Antônia Lobo e Bianca Nassuato Nunes. Arte e Diagramação: André de Andrade Alves/ Tel. (13) 3227-5977 / sec.paroquial@bsaembare.com.br / www.bsaembare.com.br / WhatsApp 13 99118-0719.